

Citar o presente texto a partir da publicação original. Os números entre colchetes, ao longo do texto, referem-se a esta edição:

Ribeiro, P.; Belo, F. (2016). NARCISISMO, GÊNERO E SEXUALIDADE: APROXIMAÇÕES ENTRE LICHTENSTEIN, FERENCZI, LAPLANCHE E BUTLER. In Birman, J.; Fulgêncio, L.; Kuppermann, D.; Cunha, E. (2016). *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: Zagodoni, pp. 113-127.

NARCISISMO, GÊNERO E SEXUALIDADE:
APROXIMAÇÕES ENTRE LICHTENSTEIN, FERENCZI, LAPLANCHE E
BUTLER

Paulo de Carvalho Ribeiro

Fábio Belo

Identificações passivas

Partiremos da hipótese de que as identificações adquiridas de forma passiva pela criança poderiam funcionar como mensagens enigmáticas provenientes do adulto e assim participariam da sedução originária, tal como descrita por Laplanche (1987). Mostraremos a pertinência de se pensar os mecanismos passivos de identificação como fatores determinantes da sedução originária da criança pelo adulto. Um desses mecanismos é a designação dos gêneros. A articulação entre narcisismo, sexualidade e gênero tem importantes precursores na história da psicanálise. Destacamos, nesse artigo, a contribuição de Lichtenstein e Ferenczi. Acreditamos que ambos os autores antecipam algumas teses que Jean Laplanche sistematiza na teoria da sedução generalizada. Por fim, tomaremos a leitura que Judith Butler faz dos gêneros, tendo em vista o rico diálogo que a autora tem proposto fazer com a teoria de Laplanche. Sua contribuição deixa clara a importância clínica e política de se manter atrelados os três conceitos que examinaremos a seguir.

A ideia de uma identificação passiva, na qual a criança não seria agente e sim objeto de identificação por parte do outro, está presente nos textos de Robert Stoller sobre meninos extremamente feminilizados e o papel desempenhado pelas mães no desenvolvimento dessa feminilidade. Stoller, inspirado nas descobertas de Lorenz (1935) no campo da etologia, propunha que se substituísse a identificação pelo

imprinting como mecanismo determinante no surgimento da feminilidade nesses meninos. Enquanto a identificação era [114] vista por Stoller como um processo ativo, no qual a capacidade de memória e de criação de fantasias permitiriam à criança acreditar-se incorporando a mãe de forma ativa, o imprinting era visto como um processo passivo, resultante de uma impregnação da feminilidade por via da “excessiva imposição dos corpos demasiadamente ternos das mães” (Stoller, 1975, p. 54). Stoller supunha, então, que a chamada identificação primária não era resultante de um processo ativo de assimilação, motivado pela busca de prazer ou redução de tensão, mas, antes, de algo que era impresso “na complacente proto-psique e no inacabado SNC da criança” (Stoller, 1975, p. 55). Em outras palavras, a identificação primária seria, na verdade, um imprinting primário, desconectado do princípio do prazer e imposto à criança a partir de elementos conscientes e inconscientes da sexualidade da mãe.

Lichtenstein, precursor de Laplanche?

Muitos aspectos dessa tese sobre o imprinting coincidem com as ideias de Heinz Lichtenstein, autor de um artigo intitulado “Identidade e sexualidade”, considerado bastante inovador na época em que foi publicado e amplamente citado por Stoller.

De fato, publicado pela primeira vez em 1961, várias proposições de Lichtenstein antecipavam de forma inequívoca algumas das ideias centrais da TSG. Para citar apenas dois exemplos dessa proximidade teórica entre os dois autores, podemos tomar as seguintes passagens do artigo em questão: 1) “os estímulos primitivos que funcionam como catexias dos aparelhos do tato, olfato, paladar, etc. devem ser vistos como ‘mensagens’ que transmitem à criança muito sobre os desejos inconscientes da mãe dirigidos a ela. A maneira como a mãe toca, segura, aquece a criança; a forma como alguns sentidos são estimulados, enquanto outros não são, formam um tipo de ‘projeção de estímulos’ (stimulus cast) do inconsciente da mãe.” (Lichtenstein, 1977 [1961], p. 76); 2) “Enquanto a mãe satisfaz as necessidades da criança, ela na verdade cria algumas necessidades específicas que ela adora satisfazer; a criança é assim transformada em um órgão ou em um instrumento de satisfação das necessidades inconscientes da mãe.” (Lichtenstein, 1977 [1961], p. 77); 3) “Talvez hesitemos em utilizar a palavra sedução para não invocar velhos fantasmas da teoria da sedução sexual, mas se tomarmos o termo sedução num sentido amplo, ele implica em uma

pessoa instigar desejos na outra, desejos esses que sem esse esforço de instigação, talvez nunca surgiriam no objeto de estimulação, ou pelo menos não surgiriam dessa forma. [...] Essa responsividade [ao estímulo do ou [115] tro], podemos chamá-la de sexual porque ela forma a matriz do posterior desenvolvimento sexual.” (Lichtenstein, 1977 [1961], p.118).

Ora, qualquer pessoa que conheça os fundamentos da TSG não hesitaria em reconhecer nessas afirmações de Lichtenstein a antecipação de pelo menos uma parte significativa do que Laplanche, em 1987, ou seja, 26 anos depois da publicação do artigo de Lichtenstein, propunha como novos fundamentos para a psicanálise.

Não se trata, obviamente, de acusar ou suspeitar que Laplanche tenha se apropriado, de forma desonesta, das ideias de outro autor. Trata-se da velha constatação de que uma novidade sempre é apenas metade tão original quanto pensamos que ela seja quando a formulamos. As diferenças entre a TSG de Laplanche e a teoria de Lichtenstein sobre a função da sexualidade na constituição e manutenção da identidade foram razoavelmente bem estabelecidas por um de nós (Ribeiro, 1993), em um artigo publicado, com o apoio e incentivo de Laplanche, na revista *Psychanalyse à l'Université*, da qual ele era o editor chefe. A proximidade entre os dois pensamentos certamente foi reconhecida por Laplanche e, em pelo menos uma ocasião, ele, por assim dizer, passou o recibo desse reconhecimento ao se apoiar em uma passagem do artigo “Identidade e sexualidade” em seu texto sobre “Apego e sexualidade”, publicado em 2000 (cf. Laplanche, 2007 [2000], p.48).

Três anos mais tarde, em 2003, um acréscimo decisivo seria feito à TSG a partir do reconhecimento das identificações passivas como enigmas provenientes da sexualidade inconsciente do adulto e impostos à criança principalmente por meio da designação do gênero pelo outro. Nesse artigo, intitulado “O gênero, o sexo e o sexual” (2003), Laplanche, embora não reconheça que a concepção stolleriana da formação da identidade de gênero é absolutamente coincidente com a ideia de identificação passiva, reconhece o lugar central do gênero na sedução originária. A publicação desse artigo de Laplanche tem especial importância, na medida em que confirma a suposição de uma relação fundamental e necessária dos fenômenos passivos de identificação com a sexualidade e o inconsciente. Stoller e Lichtenstein terminaram por encontrar algum lugar, ainda que extremamente discreto e controvertido, no pensamento de Laplanche.

Lichtenstein e a pulsão (sexual) de morte

A porta de entrada de Lichtenstein na psicanálise foi a pulsão de morte e a compulsão à repetição. Um de seus primeiros artigos, que traz o título de “Sobre a fenomenologia da compulsão à repetição e da pulsão de morte” (1935), foi publicado ainda em sua língua materna, o alemão, e foi considerada[116]do pelo próprio autor como um texto muito mais filosófico do que psicanalítico. As conclusões filosóficas sobre a vida e a morte, sobre o tempo e a luta para deter seu curso, são todas baseadas na seguinte observação: existe uma incompatibilidade lógica entre compulsão à repetição e regressão, ou seja, a natureza conservadora da pulsão, para retomar os termos de Freud, não poderia se sustentar como uma repetição caso se reduzisse à restauração de um estado anterior; essa restauração do que já existiu é apenas o primeiro movimento da repetição e deverá ser imediatamente abandonado para que se atinja novamente o estado de coisas do início do processo de repetição. Em outras palavras, compulsão à repetição e retorno definitivo ao inanimado, ao zero, são processos incompatíveis entre si. A repetição requer que o movimento regressivo seja seguido de um movimento progressivo e assim sucessivamente. Pensada dessa forma, a repetição é um mecanismo que busca deter os efeitos do tempo e se opor ao princípio regressivo por excelência, a saber, o princípio da entropia que, no limite, conduz toda matéria, animada e inanimada, ao estado de ausência de movimento. A compulsão à repetição seria, então, um princípio eminentemente vital, ao passo que a regressão infinita seria um princípio de morte.

Pois bem, essa tese defendida no artigo de 1935 será retomada em uma perspectiva inteiramente psicanalítica e totalmente vinculada à sexualidade inconsciente no famoso artigo de 1961 sobre identidade e sexualidade. Se tomássemos Lichtenstein como exemplo da psicanálise anglo-saxônica, toda a pecha de psicologia adaptativa, negligente com relação à diferença entre pulsão e instinto e fundada na suposta autonomia do ego, definitivamente, não se justificaria. Com mais força e propriedade do que vários psicanalistas franceses, ele dá à sexualidade inconsciente e à sua dimensão mortífera e polimorfa uma importância que faz inteiramente justiça à centralidade e ao caráter muitas vezes demoníaco do sexual em Freud.

Lichtenstein não só é categórico ao dizer que a pulsão, longe de ser endógena, surge da relação da criança com o adulto, como também antecipa, parcialmente, a ideia de pulsão sexual de morte, tão cara a Laplanche, ao estabelecer uma relação necessária entre a compulsão à repetição e a sexualidade. Porém, se para este último, a pulsão de

morte é vista como um movimento do pensamento freudiano que teria surgido da necessidade de se preservar o espaço de uma sexualidade desvinculada de Eros, do amor e de todas as forças de unificação; para Lichtenstein, a pulsão de morte seria a expressão da busca incessante de confirmação de uma identidade sexual, imposta à criança pela maneira específica pela qual ela foi estimulada e seduzida a partir da sexualidade inconsciente do adulto. A compulsão à repetição é vista como resultante de um princípio de identidade que vem suprir, no ser humano, a ausência de instintos pré-formados. [117]

A identidade e o sexual

Essa forma específica, por meio da qual a criança é seduzida, produz o que Lichtenstein denomina “tema de identidade” e que é indissociável das características específicas da sexualidade de cada sujeito. O fato de se tratar de um elemento oriundo da relação com o outro e não de um fator endógeno ou inato faz com que esse tema não tenha uma estabilidade comparável ao instinto que determina o comportamento dos animais, necessitando, portanto, de uma permanente manutenção. A repetição desse padrão sexual assim estabelecido se impõe como suporte da identidade e assegura tanto o sentimento existencial, ou seja, uma espécie de densidade ontológica, quanto de continuidade dessa existência no tempo. Por mais que a compulsão a repetir esse padrão sexual se distancie ou até mesmo se oponha à auto-conservação, por mais que a manutenção dessa identidade sexual seja auto-destrutiva e não adaptativa, paradoxalmente, ela não deixa de se inscrever na esfera do narcisismo, justamente por se tratar de um mecanismo do qual depende a afirmação e manutenção de um si mesmo, ainda que tal afirmação seja um atentado à própria unidade corporal e à preservação da vida. Em outras palavras, Lichtenstein nos fala de um narcisismo além do ego, um narcisismo que não se apoia na projeção psíquica do corpo unificado, logo, um narcisismo a ser situado além do espelho e da imagem unificada de si mesmo.

Diferentemente do que foi descrito por A. Green (1983) como narcisismo de morte, o narcisismo ligado à identidade e baseado na compulsão à repetição, tal como pensado por Lichtenstein, não significa um retorno ao zero de tensão, nem uma desobjetualização que conduz ao vazio, às patologias do “branco”. Aqui, a distinção entre compulsão à repetição e retorno ao zero faz toda a diferença: o que poderíamos chamar de narcisismo negativo em Lichtenstein refere-se a uma permanência das marcas do

objeto e de seu poder de sedução. Trata-se, portanto, de um narcisismo além do princípio do prazer, porém inteiramente dependente do objeto e dos efeitos de sua sexualidade inconsciente.

Uma vez estabelecida a relação entre narcisismo, compulsão à repetição e sexualidade, cabe agora estabelecer uma relação entre essa forma mortífera do narcisismo e o narcisismo de vida, ou seja, o narcisismo da unificação, do investimento libidinal da unidade corporal e do ego.

Desde a controvérsia que se estabeleceu, no final dos anos 30, entre annafreudianos (vienenses) e kleinianos (londrinos) em torno do narcisismo primário anobjetal e a existência ou não de impulsos agressivos inatos no bebê, o conceito de narcisismo passou a ter um lugar central na clínica psicanalítica. Enquanto os londrinos defendiam a existência muito precoce de sadismo, hostilidade e conflito no bebê, devido aos efeitos da pulsão de morte inata; do lado dos vienenses vigorava a ideia de estado inicial de total fechamento, no [118] qual o bebê estaria isento de conflitos e tensões internas. O que havia de comum a ambas as posições era a suposição de um narcisismo primário anobjetal. Foi preciso a intervenção de Balint (1937) para contestar a existência dessa suposta mônada, introduzir o conceito de amor primário de objeto e a falha básica das relações duais como responsável pelo surgimento da agressividade e dos conflitos.

Embora represente um avanço na concepção da constituição psíquica e no papel que o outro nela desempenha, um aspecto decisivo permanece problemático não só na visão de Balint, mas também na visão da grande maioria dos psicanalistas das relações de objeto ou do attachment, como Laplanche (2007 [2000]) prefere designá-los. Esse aspecto problemático pode ser descrito como um equívoco na compreensão da gênese do sexual e de seu funcionamento no ser humano.

Para ir direto ao ponto, seguindo os passos da crítica laplancheana a Balint e aos teóricos do attachment, o inaceitável é conceber o sexual apenas como uma forma de desenvolvimento de predisposições biológicas inatas, levando a uma pulsionalidade passível de circunscrição na esfera do amor, do erotismo presidido pela busca do prazer e comprometido com uma homeostase necessária à vida. Mesmo nos autores que levam em conta a importância da sexualidade inconsciente dos adultos nos destinos da sexualidade da criança, como é o caso de Balint, prevalece a ideia de uma sexualidade inata na criança.

Dessa forma, toda a importância concedida ao objeto e seu papel nas formações narcísicas corre o risco de eclipsar o papel de sedutor originário e implantador da sexualidade na criança. O amor primário de objeto, tal como concebido por Balint, assim como o ambiente facilitador em Winnicott (1986 [1963], p. 239), o apego em Bowlby (1969) e outros conceitos correlatos devem ser vistos como apenas uma das faces da relação com os objetos, e não necessariamente mais importante do que a face sedutora. Na verdade, o que nos parece mais adequado é poder pensar a dimensão positiva, acolhedora, unificadora e adaptativa das relações narcísicas precoces entre a criança e os objetos primordiais como uma força de oposição aos efeitos enigmáticos e desagregadores da sedução originária.

Retomando agora a visão de Lichtenstein sobre o tema de identidade implantado na criança pelo adulto, é preciso ressaltar que ele se destaca dos demais autores da escola anglo-saxônica na medida em que concebe a sexualidade infantil como resultado de uma implantação pelo outro e não como um desenvolvimento de um fator inato, assim como também reconhece o poder perturbador e fragmentador dessa implantação. Com Lichtenstein, temos então quase todos os ingredientes teóricos para criarmos uma metapsicologia capaz de associar de forma inseparável o narcisismo e a sexualidade. Basta acrescentarmos à dimensão sexual, polimorfa e invasiva do tema de identidade sua outra face, a saber, aquela que se sustenta como oposição à primeira, [119] que se apresenta como agente de unificação e iniciativas, que se impõe como representante maior do sujeito e se arroga a posição de primeira pessoa do singular.

No caso clínico apresentado por Lichtenstein como ilustração dos efeitos do tema de identidade, a sexualidade desregrada e compulsiva por meio da qual esse tema se mantinha era percebida por sua cliente como um uma experiência estrangeira, muitas vezes acompanhada de despersonalização e desrealização. Esse relato clínico, assim como inúmeros outros onde algum tipo de perversão ou compulsão sexual ganha destaque (cf. p. ex. Michel de M'Uzan, 2000 e Flávio Ferraz, 2000), demonstram, de forma mais nítida e direta do que se pode observar nos casos de neurose, a dinâmica de oposição e mútua sustentação entre as exigências pulsionais criadas pela sedução originária e as forças de ligação e unificação, também provenientes do outro, que em seu conjunto constituem o ego e alimentam o narcisismo comprometido com o amor, a vida, a adaptação e a homeostase. O que há de original no pensamento de Lichtenstein e que, do nosso ponto de vista, supera o poder explicativo da TSG, é a ideia de que a pulsão é sempre sexual, mas também sempre vinculada a uma identidade, ou seja, a um

modo de funcionamento narcísico, assegurador de uma continuidade e consistência subjetiva que se opõe ao funcionamento egóico.

Narcisismo e gênero

O gênero é uma parte não apenas importante, mas em grande medida *organizadora* da identidade. Partimos da pressuposição que o gênero tem natureza identificatória e, a princípio, é designado à criança como uma mensagem enigmática pelo adulto. Trata-se de uma designação de forma alguma não pontual, limitada a um só ato: “a designação é um conjunto complexo de atos que se prolonga na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Pode-se falar de uma designação contínua ou de uma verdadeira *prescrição*.” (Laplanche, 2003, p. 81).

Ao tomar o gênero como um tipo de mensagem a ser prescrita, Laplanche acaba por se aproximar da posição de Lichtenstein na medida em que articula de forma mais clara a origem da pulsão e as formações narcísicas, como por exemplo, o gênero. A posição passiva da criança que é designada como pertencente ao gênero masculino ou feminino, assim como o caráter invasivo dessa designação por parte do adulto, deixa as portas bem abertas para se pensar a potencialidade pulsional da implantação do que fatalmente se tornará uma identidade. Uma vez mais, insistimos que trata-se aqui de pensar, prioritariamente, na identificação *por* e, só depois, na identificação *a*. Primeiro, a criança é identificada pelo adulto como menino ou menina, por exemplo. Só depois, identificada ao adulto do mesmo gênero, a criança começa o interminável (e [120] compulsivo) trabalho de tradução pulsional nos termos desses códigos (cf. Laplanche, 2003, p. 82 e Laplanche, 2007, p. 299).

Resta, porém, a tarefa de examinar metapsicologicamente e clinicamente essa identidade de gênero, entre outras coisas, para saber se ela opera prioritariamente como um narcisismo além da unificação e do ego, ou como um narcisismo de ligação, assegurador das sínteses adaptativas e comprometidas com a defesa contra o sexual polimorfo, no sentido propriamente freudiano. Acreditamos que o diálogo com as pesquisas de Judith Butler (2011 [1993], 2007 [1990] e 1997) que também considera o gênero um tipo de conquista psíquica e não uma disposição natural poderá nos auxiliar a desenvolver melhor essa problemática.

Butler (2007 [1990]) depreende a questão do gênero em Freud a partir de dois textos: *O Ego e o Id* (Freud, 1976 [1923]) e *Luto e Melancolia* (Freud, 2011 [1917]).

Nesse último texto, aprendemos que a perda de um objeto de amor é primeiramente elaborada através da identificação do eu ao objeto perdido. “A sombra do objeto cai sobre o eu”, isto é, o outro torna-se parte do eu. A identificação narcísica torna-se um substituto do investimento libidinal de tal forma que a relação amorosa com o objeto perdido não seja abandonada.

Butler argumenta que Freud está propondo que a melancolia é, na verdade, um modelo do funcionamento egoico: as perdas dos investimentos objetivos são elaborados por um processo de internalização de tal forma que o eu se identifica com o objeto, transformando-se, em parte, nesse objeto perdido. “Quando o ego assume as características do objeto, está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’.” (Freud, 1976 [1923], p. 44). Fica claro que abrir mão ou perder o objeto não é uma negação do investimento, mas sua internalização e preservação. Esse processo identificatório cujo modelo é a melancolia está presente na designação dos gêneros. A passagem a seguir é bastante instrutiva:

Este processo de internalização de amores perdidos torna-se pertinente para a formação do gênero quando percebemos que o tabu do incesto, dentre outras funções, inicia uma perda de um objeto de amor para o ego e que este ego se recupera dessa perda através da internalização do objeto de desejo tabu. No caso de uma união heterossexual proibida, é o objeto que é negado, mas não a modalidade do desejo, então o desejo é deslocado (*deflected*) desse objeto para outros objetos do sexo oposto. Mas no caso de uma união homossexual proibida, é claro que tanto o desejo quanto o objeto requerem renúncia e então se tornam sujeitos às estratégias da internalização da melancolia. (Butler, 2007 [1990], p. 79-80)

A partir desse ponto, Butler examina o complexo de Édipo dos meninos. A autora critica a tentativa, presente em Freud, de separar a identificação e o [121]investimento libidinal na relação entre pai e filho. Ela insiste nas passagens nas quais Freud apresenta a bissexualidade que o força a admitir que a relação do menino e o pai é, a um só tempo, identificatória e libidinal, desde o início. É exatamente o investimento libidinal dessa relação o alvo do recalçamento numa cultura heteronormativa. Trata-se de recalcar não apenas o aspecto heterossexual do incesto, mas também e prioritariamente sua vertente homossexual. A perda do pai como objeto de desejo é mandatória. No entanto, “a perda do objeto continua a assombrar e habitar o

ego como uma de suas identificações constitutivas” (Butler, 1997, p. 134). A heterossexualidade será sempre, em alguma medida, produzida pela proibição do incesto, mas, antes disso, reforçando a proibição do laço homossexual. Essas proibições são internalizadas e uma das funções do supereu, herdeiro do complexo de Édipo, será regular e determinar as identificações masculina e feminina. Nesse ponto, Butler apresenta sua tese:

Porque as identificações substituem relações de objeto e identificações são a consequência da perda, a identificação de gênero é um tipo de melancolia na qual o sexo do objeto proibido é internalizado como uma proibição. Esta proibição sanciona e regula a identidade generificada discreta e a lei do desejo heterossexual. (...) As identificações consequentes à melancolia são modos de preservar relações objetais não resolvidas e, no caso de identificação de gênero do mesmo sexo, as relações objetais não resolvidas são invariavelmente homossexuais. (Butler, 2007 [1990], p. 85-6)

A melancolia da identificação de gênero deve ser compreendida como “a internalização de uma diretiva moral interior a qual ganha sua estrutura e energia de um tabu reforçado externamente” (Butler, 2007 [1990], p. 87). A perda do amor homossexual edípico não pode ser nem reconhecida, nem ser alvo de trabalho de luto. A autora articula essa perda inominável a um esforço de renúncia permanente por parte do gênero heterossexual: “O homem hetero (*straight*) torna-se (imita, cita, apropria, assume o status de) o homem que ele “nunca” amou e “nunca” fez o luto (...) o que é mais aparentemente performado como gênero é o sinal e o sintoma de uma recusa pervasiva.” (Butler, 1997, p. 147).

Essa breve descrição da constituição heterossexual masculina já nos permite ler a teoria de Butler na esteira da revolução copernicana proposta por Laplanche. A teoria da autora deixa claro que não há nem identidade, nem sexualidade inatas. As traduções generificadas que fazemos nos tempos constitutivos da subjetividade são tão comprometidas com o recalçamento quanto quaisquer outras traduções que compõem o tecido narcísico. Identidade e sexualidade, estamos vendo, estão profundamente articuladas também no pensamento da autora, assim como no de Lichtenstein. [122]

Homoerotismo e identificação

A descrição de uma heterossexualidade compulsiva feita por Butler muitas vezes lembra a que foi apresentada por Ferenczi (1992 [1911]) quando este descreveu uma nosologia da homossexualidade. Citando Sadger, Ferenczi argumenta que em alguns casos a homossexualidade é a retomada da relação com a mãe: “É a *sua própria pessoa* que o homossexual ama inconscientemente nos objetos do mesmo sexo, sobre os quais seu desejo recai, e ele próprio desempenha (sempre inconscientemente) o papel feminino e efeminado da mãe.” (Ferenczi, 1992 [1911], p. 118).

A partir dessa tese de Sadger que articula narcisismo e homossexualidade, Ferenczi propõe a distinção entre dois tipos de homoerotismo: o de sujeito e o de objeto. O primeiro diz respeito aos casos nos quais o homem “se sente mulher não só durante as relações sexuais, mas em todas as demais relações de sua existência” (*op. cit.*, p. 119). Já o homoerotismo de objeto, apenas o objeto está “invertido”, mas o ego se identifica claramente com o gênero masculino: “nada existe nele de efeminado” (*ibid.*, *ibidem*).

Cabe ainda destacar um detalhe que diferencia os dois tipos traçados pelo autor: o homoerótico subjetivo (“o verdadeiro invertido”) mantém com as mulheres uma relação amistosa e, por assim dizer, fraterna. Já o homoerótico objetivo revela uma antipatia acentuada dirigida às mulheres, às vezes até uma aversão. Voltaremos a esse ponto adiante.

Ao examinar a história libidinal do homoerótico de objeto, Ferenczi diz que o sujeito se imagina na situação de sua mãe e vive o que se convencionou chamar de complexo de Édipo invertido. Nesse ponto, é bem impressionante o quanto o autor se aproxima das designações de gênero como mensagens provenientes do outro e, mais particularmente, dos desejos inconscientes do outro cuidador:

(...) deseja a morte da mãe para ocupar o lugar dela junto ao pai e desfrutar de seus direitos; deseja ardentemente os vestidos, as joias dela e, bem entendido, sua beleza e toda a ternura que lhe testemunham; sonha em ter filhos, brinca com bonecas e gosta de vestir-se de mulher. (...) Em certos casos, é evidentes que essa tendência para a inversão, que, provavelmente, é sempre condicionada pela constituição, vê-se reforçada por influências exteriores. “Filhos únicos” mimados, queridinhos que crescem num meio exclusivamente feminino, rapazes criados como meninas, porque nasceram no lugar de uma filha muito desejada, têm muito mais probabilidades de ser invertidos no que se refere ao seu caráter sexual, se apresentarem uma predisposição correspondente. (Ferenczi, 1992 [1911], p. 121).

Em que pesem os fortes traços heteronormativos e a presença da noção de predisposição no trecho acima, queremos destacar como Ferenczi está atento [123] à sexualidade inconsciente proveniente do outro e endereçada à criança. O parágrafo que se segue a esse citado é ainda mais explícito:

Particularidades físicas tais como traços fisionômicos e um corpo de mocinha, uma cabeleira abundante, etc., podem contribuir para que um menino seja tratado como menina. A preferência que o pai manifesta e a resposta a esta podem ser sustentadas, em geral secundariamente, pela natureza narcísica da criança; conheci casos em que o menino narcísico provocava o homoerotismo latente do pai sob a forma de excessiva ternura, o que contribuía em muito para fixar a sua própria inversão. (Ferenczi, 1992 [1911], p. 121-2)

A partir desse ponto, Ferenczi irá abandonar uma via que se mostrava promissora, a da sedução precoce e generalizada, para investir na hipótese de que os homoeróticos objetivos são neuróticos obsessivos traumatizados pelo heteroerotismo. Para o autor, as tendências heteroeróticas estavam presentes desde o início, mas foram “duramente castigados por um dos pais em virtude de uma *falta heteroerótica* cometida” (Ferenczi, 1992 [1911], p. 123). O recalçamento dessa moção pulsional, então, leva-os a escolher, compulsivamente, outros homens, se possível, femininos. O homoerótico de objeto consegue “amar inconscientemente a mulher no homem” (*op. cit.*, p. 124).

A tese de Ferenczi é que o ato homoerótico ativo é uma falsa obediência à interdição do pai: ele evita as mulheres, mas inconscientemente mantém relações com elas além de, no mesmo ato, conspurcar e ferir o homem. Ou seja, o homoerotismo objetivo é “superinvestido por uma massa de afetos que, no inconsciente, dizem respeito a uma outra perversão recalçada, a saber, um heteroerotismo” (Ferenczi, 1992 [1911], p. 126).

Essa tese conduz a uma hipótese importante quanto ao heteroerotismo compulsivo. Ferenczi lembra que o homoerotismo é alvo de enérgico recalçamento em nossa cultura. O retorno do recalçado se dá, por exemplo, num don-juanismo compulsivo.

Ferenczi, ao fazer a distinção de tipos de homoerotismo, ajuda a problematizar a relação entre gênero e narcisismo. Nas páginas finais do artigo, no entanto, o autor explicita o desejo ou, pelo menos, a possibilidade teórica da cura do homoerotismo

objetivo, na medida em que é reduzido a uma neurose obsessiva. Apesar de não ter conseguido “curar completamente” um caso desses, ele aponta melhoras importantes:

(...) uma redução da atitude hostil e de repugnância em relação às mulheres; um melhor controle da compulsão antes incoercível, de satisfação homoerótica e isso apesar da persistência da orientação pulsional; o despertar da potência com as mulheres, portanto, uma espécie de anfierotismo que ocupa o lugar do homoerotismo antes exclusivo (...). (Ferenczi, 1992 [1911], p. 125-6)

É surpreendente que num mesmo texto no qual se advoga contra os efeitos trágicos do recalçamento, possa se defender um projeto de cura de um arranjo [124] pulsional como o homoerotismo. É preciso, no entanto, lembrar o contexto sócio-histórico do autor, ainda profundamente marcado pela ideologia heteronormativa. Além disso, pode-se observar que dentre os efeitos terapêuticos apontados, os primeiros dois nos parecem pertinentes em qualquer análise. Desconstruir as fontes pulsionais da misoginia e também elaborar melhor o caráter compulsivo dos desejos (não apenas os genitais) são objetivos clínicos importantes.

Performance e tradução

Ferenczi antecipa o que Butler chama de performatividade dos gêneros. Tem-se a impressão que fazer trabalhar esse texto em diálogo com Butler nos levará a priorizar a pulsão sexual de morte naquilo que ela determina como fracasso de toda ontologia muito firme. Não somos o gênero, performamos o gênero. E o fazemos levando em consideração as relações objetais concretas: as que deram origem aos arranjos pulsionais e as que servem de destino para a satisfação pulsional. Tomemos o parágrafo a seguir como um exemplo notável do que tentamos apontar como um narcisismo para além do ego:

Tornar-se um “homem” dentro dessa lógica [da proibição radical e originária do desejo homossexual] requer repudiar a feminilidade como uma pré-condição para a heterossexualização do desejo sexual e sua fundamental ambivalência. Se um homem se torna heterossexual repudiando o feminino, onde poderia tal repúdio viver exceto numa identificação a qual sua carreira heterossexual procura recusar? De fato, o desejo pelo feminino é marcado por este repúdio: ele quer a mulher que ele nunca seria. Ele nunca seria pego morto sendo-a: portanto, ele a

deseja. Ela é sua identificação repudiada (um repúdio que ele sustenta como, a um só tempo, identificação e objeto de seu desejo). Um dos objetivos mais ansiosos do seu desejo será elaborar a diferença entre ele e ela, e ele procurará descobrir e instalar prova desta diferença. Seu desejo será assombrado por um terror de ser o que ele quer, de tal forma que seu desejo será sempre um tipo de pavor. Precisamente porque o que é repudiado e desta forma perdido é preservado como identificação repudiada, este desejo tentará superar uma identificação que nunca pode ser completa. (Butler, 1997, p. 137, comentário entre colchetes dos autores).

Tanto Ferenczi quanto Butler nos ajudam a pensar no caráter transicional do gênero, na medida em que um complexo jogo de identificações projetivas entra em ação. A identidade de gênero não é garantida pelo corpo e não tem fundamentos naturais. Ao contrário: os corpos (o próprio e os dos outros) são usados nesse jogo identificatório de tal forma a tornar possíveis vivências intoleráveis. [125]

Para concluir esse breve diálogo entre Ferenczi e Butler, destacamos que Butler não enfatiza a identificação dos meninos com a mãe decorrente do fato usual de os meninos serem cuidados prioritariamente por mulheres nos primeiros anos de vida. Acreditamos que essa identificação precoce com a cuidadora também será alvo de maciço recalçamento para que a virilidade se constitua (cf. Ribeiro, 2000). A autora, no entanto, está atenta à identificação do menino com a mãe. Quando acontece de o menino abandonar o objetivo heterossexual e o objeto inicial desse investimento, ele “internaliza a mãe e forma um superego feminino que dissolve e desorganiza a masculinidade, consolidando, no lugar dela, as disposições libidinais femininas” (Butler, 2007 [1990], p. 81).

Temos defendido (Belo, 2015, p. 69) que a passividade da situação originária é traduzida em termos de feminilidade e essa tradução já é parte do recalçamento dos aspectos mais mortíferos da passividade. Dar à passividade das origens uma forma, um continente, seja ele um corpo penetrável, seja ele algo atribuído às mulheres, é uma forma de fazer funcionar um masoquismo guardião da vida¹, por assim dizer. Ser *como uma mulher* ou identificar projetivamente a passividade mortífera nas mulheres é uma tradução diante dos ferozes ataques pulsionais cujo propósito está sempre ligado às efrações mais disruptivas possíveis do tecido narcísico.

Esse tipo de tradução do sexual disruptivo vale-se do código fixo e compulsivo do gênero, mas está sujeita a todas as vicissitudes das elaborações psíquicas. Ela pode

¹ A expressão é de Rosenberg (2003) e estamos de acordo com boa parte das teses do autor.

ser mais ou menos mortífera. A misoginia mais sangrenta e o travestismo podem ser vistos como extremos de um contínuo identificatório. Espancar uma mulher (pelo horror que ela causa na medida em que lembra ao homem o que ele deseja ser) ou transfigurar-se numa mulher são saídas possíveis e quase nunca restritas ao próprio ego. O outro concreto – o das origens e os futuros objetos de investimento – sempre está em questão quando se constitui o narcisismo. O narcisismo possui, portanto, uma dimensão política considerável.

A sexualidade é tão motivada pela fantasia de recuperar objetos perdidos quanto pelo desejo de permanecer protegido da ameaça de punição que tal recuperação poderia ocasionar. Também pode ocorrer que se estabeleçam certas identificações e afiliações, certas conexões complacentes amplificadas, precisamente para instituir uma desidentificação com uma posição que pareça excessivamente saturada de dor e agressão, posição que, em consequência, só poderia ser ocupada imaginando-se conjuntamente a perda de uma identidade viável. As identificações, portanto, podem proteger contra certos desejos ou atuar como veículos para o desejo; para facilitar certos desejos talvez seja necessário proteger-se de outros: a identificação é o lugar no qual [126] ocorrem, de modo ambivalente, a proibição e a produção do desejo. (Arán e Peixoto, 2007, p. 145)

A identificação pode ser considerada uma das bases libidinais da política. A clínica psicanalítica, nesse sentido, pode ser vista como um dispositivo político que pode auxiliar na produção de traduções menos disruptivas e violentas da passividade originária e das identificações daí decorrentes: as que protegem contra certos desejos e as que nos defendem de outros. Destacamos que boa parte desse trabalho passa por desconstruir essa tradução rígida entre feminilidade e passividade.

Butler (Butler & Athanasiou, 2013) parece criticar o fato de Laplanche não tratar de forma mais radical o caráter de interpelação que o gênero possui. O projeto da autora é tratar o gênero como mensagem para que possam ser abertos novos caminhos de tradução do que foi registrado e metabolizado em termos de uma “sensibilidade primária, que está no controle ao invés de nós mesmos, que nos anima, e que forma uma quase involuntária dimensão de nossas vidas somáticas.” (p. 96). Como Lichtenstein, Butler também está tentando nomear um narcisismo além do ego.

Concluimos, lembrando que fazer dialogar autores cujas contribuições ocorreram em diferentes momentos da história da psicanálise, ou seja, fazer dialogar Ferenczi, Lichtenstein, Laplanche e Butler exige a observação de um recurso metodológico importante: a permanente observação crítica que a teoria psicanalítica

deve exercer sobre si mesma, buscando compreender os princípios que regem a construção de seus conceitos. Tal exercício deve ser visto como instrumento genealógico que permite entender não apenas como clínica e teoria vão se articulando, mas também como os conceitos podem adquirir dimensões políticas consideráveis. No campo das teorias sobre identidade e sua relação com o sexual, tal metodologia nos parece indispensável.

Referências Bibliográficas

- Arán, M. e Peixoto, C. (2007). Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, n. 28, pp. 129-147.
- Balint, M. (1937) Early developmental states of the ego. In: Primary Love and Psycho-Analytic Technique. Londres: Karnac, Maresfield Library 1985 [1994]
- Belo, F. (2015). Os ciúmes dos homens em “Quadrinho de Estória” e “Desenredo”, de Guimarães Rosa. In Belo, F. (Org.). (2015). *Os ciúmes dos homens*. Petrópolis: KBR, pp. 57-73.
- Bowlby, J. (1969), *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Buttler, J. (2011 [1993]). *Bodies that matter*. London: Routledge.
- _____. (2007 [1990]). *Gender trouble*. London: Routledge.
- _____. (1997). *The Psychic life of power: theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press.
- Butler, J. & Athanasiou, A. (2013). *Dispossession: the performative in the political*. Malden: Polity.
- De M’Uzan, M. (2000) Le masochisme pervers et la question de la quantité, In: André, J. (Org.). *L’énigme du masochisme*. Paris: PUF
- Ferraz, F.C. (2000) *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferenczi, S. (1992 [1911]). O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. In *Psicanálise II*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, pp. 117-129. (Obras completas, vol. 2).
- Freud, S. (2011 [1917]). *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify.
- _____. (1969 [1923]). O ego e o id. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, pp. 13-85.

- Green, A., (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta. (Primeira edição 1983).
- Laplanche, J. (2007). Castration et Oedipe comme codes et schémas narratifs. In Laplanche, J. (2007). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- _____. (1992). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse: la séduction originale*. Paris: Quadrige / PUF.
- _____. (2003). Le genre, le sexe, le sexual. In Green, A. et alli (2003). *Sur la théorie de la séduction*. Paris: In Press, pp. 69-104.
- _____. (2007 [2000]). Sexualité et attachment dans la métapsychologie. In: *Sexual, La sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- Lichtenstein, H. (1977 [1961] [1961]). *The Dilemma of Human Identity*. New York: Jason Aranson.
- Lorenz, K. (1965). *Über tierisches und menschliches Verhalten. Aus dem Werdegang der Verhaltenslehre*. Gesammelte Abhandlungen. München: Piper, pp. 115-282. (primeira publicação em 1935).
- Ribeiro, P. (1993). Identité et séduction chez Heinz Lichtenstein. *Psychanalyse à L'université*, v.18, p.71 – 80.
- Ribeiro, P. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalcamto da identificação feminina primária*. São Paulo, Escuta.
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Escuta.
- Stoller, R. (1975). *The transsexual experiment*. Londres: The Hogarth Press
- Thiem, A. (2008). *Unbecoming subjects: Judith Butler, moral philosophy and critical responsibility*. New York: Fordham University Press.
- Winnicott, D. (1986 [1963]). Psychiatric disorder in terms of infantile maturational processes. In Winnicott, D. (1986). *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. New York: International University Press.